

ARTIGO DOSSIÊ

PATRIMÔNIO LOCAL E IDENTIDADE SOCIOCULTURAL: BAIRRO ABADIA, PATRIMÔNIO NA E DA CIDADE DE UBERABA (MG)¹

LOCAL HERITAGE AND SOCIOCULTURAL IDENTITY: ABADIA NEIGHBORHOOD, HERITAGE IN AND OF UBERABA TOWN (MG)

SANDRA MARA DANTAS*

RESUMO

Uberaba é uma cidade de porte médio do Triângulo Mineiro e nela se destaca o bairro Abadia, um dos mais antigos e, atualmente, o mais populoso da urbe. Sua formação se remete ao final do século XIX, quando foram criadas algumas instituições assistenciais e atraiu muitos trabalhadores. Ao longo do século XX, à medida que ocorriam as transformações em sua paisagem, uma série de representações e práticas foram (re)elaboradas por seus moradores e por parcela da população que conferiram-no uma história peculiar. E discutir o processo de constituição como patrimônio local com uma identidade sociocultural própria no conjunto da cidade é o objetivo desse artigo.

PALAVRAS-CHAVE: História e identidade; patrimônio local; Uberaba; Bairro Abadia.

ABSTRACT

Uberaba is a medium-size town in the Triângulo Mineiro and is home to an important and notable neighbourhood: Abadia, one of the oldest and, recently, the most populous in the town. Its formation initiated in the end of the 19th century when some welfare institutions were created, attracting several workers. During the 20th century, as modifications in the landscape occurred, considerable representations and practices were performed by its residents and by part of the population, giving Abadia a peculiar history. Discussing the process of its formation as a local heritage with its own sociocultural identity in the town is the purpose of this article.

KEYWORDS: History and identity; local heritage; Uberaba; Neighborhood Abadia.

Para começar...

É certo que os valores, os sentidos, as construções sociais se alteram ao longo do tempo e nesse processo de (re)construção, as comunidades deixam testemunhos desses modos de ser e de estar no mundo. A categoria patrimônio, que possui dimensão semântica diversificada, agrega muitas dessas expressões que sobrevivem na forma tangível (objeto e/ou edificação material) e também intangível (aspectos da vida social e cultural). J.R. Gonçalves demonstra que a categoria patrimônio parece se confundir com as diversas formas de autoconsciência cultural, pois nela se insere maneiras de reconhecimento de uma coletividade. O patrimônio não apenas simboliza, ele norteia práticas e, de certo modo, media as relações “entre mortos e vivos, entre passado e presente”². É elemento constituinte da identidade ao fornecer as referências que situam os sujeitos no mundo social e fornecem estabilidade aos grupos.

O interesse pelo patrimônio decorre das demandas que a sociedade contemporânea apresenta ao passado (narrativas, eventos, lembranças e idealizações) para lhe conferir segurança e legitimidade. Para tanto, as sociedades utilizam o que o historiador Manoel Guimarães denomina “restos materiais” para assinalar os vínculos, evitando as fragmentações, resolver seus conflitos, amenizar as diferenças, fortalecer os laços e definir sua identidade.³ Assim, pensar o patrimônio é essencial, pois permite compreender as maneiras de culturalização do tempo, isto é, os modos como o passado e o futuro são arquitetados.

As preocupações com o patrimônio no Brasil se remetem à década de 1930, quando foi criado o Serviço Patrimônio Histórico e

Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 148-181, Jan-Abr, 2018.

Artístico Nacional (SPHAN – Decreto-Lei 25/1937)⁴, como parte da política institucional de valorização da cultura nacional. Ao longo dos anos, uma série de ações foi empreendida para preservar os bens patrimoniais que atestassem a riqueza histórica e cultural do país. O levantamento de bens (materiais e imateriais) é fundamental para que a população brasileira possa reconhecer os fulcros de identificação que a fazem peculiar e, ao mesmo tempo, compreender sua importância e a necessidade de conservação, bem como quais são os usos possíveis desse patrimônio.

E se há bens patrimoniais que estampam o conjunto da nação, há aqueles que se referem a coletividades específicas (estados, cidades, bairros, grupos), conferindo-lhes legitimidade e por isso, dignos de atenção. Para conhecer uma dessas especificidades, nosso olhar se volta para as terras do antigo Sertão da Farinha Podre, ao oeste de Minas Gerais, onde vários povoados se desenvolveram ao longo do século XIX. Dentre eles, o de Santo Antônio de Uberaba, que se emancipou em 1856 e, nas décadas seguintes, tornou-se a cidade primaz da região como entreposto dos produtos que vinham das províncias de Goiás e São Paulo e eram distribuídos pelos inúmeros povoados e arraiais.

Ao final do século XIX, os trilhos da Companhia Mogyana de Estradas de Ferro se estenderam até a cidade para transportar passageiros e cargas, notadamente aquelas oriundas de zonas mais interiores, visto que a concessão ferroviária permitia chegar até Goiás, o que não ocorreu. Lourenço⁵ e Silva⁶ comentam que os produtos chegavam ao porto fluvial de Ponte Alta (povoado próximo a Uberaba) e

em lombo de mulas ou em carros de bois, sendo transportados até a cidade e, daí, embarcados para outros locais.

No último quartel do século XIX, Uberaba se tornou a zona mais próspera e tal prosperidade se refletiu em seu interior com a construção dos chamados “palacetes e bungalows” (marcados pela arquitetura europeia) dos grupos econômicos privilegiados, estabelecimentos comerciais, casas comissárias, publicação e circulação de jornais, teatro e outros espaços socioculturais. Além disso, o processo de urbanização se intensificou com a abertura de ruas, arborização de praças, elaboração do código de posturas, entrada de imigrantes e expansão do sítio urbano.

Aquela que, no início dos Oitocentos, nascera como povoado à “boca do sertão”, isto é, distante de centros urbanos e próxima de regiões desabitadas e sem equipamentos técnico-científicos, cerca de um século depois, tornara-se uma cidade ciosa de sua posição e destaque em toda a região denominada Triângulo Mineiro⁷. Viver em Uberaba, pelo menos para parte de seus moradores, significava estar afinado com os princípios de civilidade correntes no país, desfrutar de uma infraestrutura de serviços urbanos, frequentar espaços requintados e vislumbrar tempos mais risonhos.

O sítio urbano, onde se instalara os primeiros habitantes, tornara pequeno para as ambições e o número de pessoas que continuamente afluía. Às margens do Córrego das Lajes foram construídas as primeiras habitações e prédios de diferentes usos. Essa porção veio a ser o centro da urbe e, daí, em todos os sentidos, o sítio se expandiu com a criação de bairros. O relevo que circunda essa região é acidentado com algumas

elevações que foram denominados altos ou colinas.⁸ Um dos primeiros altos a ser ocupado ganhou o nome de Estados Unidos,⁹ onde estava a estação ferroviária da Cia Mogyana. Inicialmente ocupada por chácaras, aos poucos atraiu moradores (especialmente imigrantes) e comerciantes¹⁰ e foi adquirindo contornos urbanos com vários melhoramentos, como o ajardinamento de praças, a delimitação e o abaulamento de ruas e a instalação de inúmeros estabelecimentos comerciais.

Assim como a inauguração de casas comerciais, diferentes tipos de construção também marcavam a paisagem, como as igrejas (Santa Rita, São Domingos e Rosário), as praças (Largo das Cavalhadas/Comendador Quintino e Praça Manoel Terra), escola (Grupo Brasil), sociedades fraternas e de caráter filantrópico (italiana, espanhola e portuguesa) e, evidentemente, as residências de diferentes padrões, sendo que os moradores de maior poder aquisitivo fixaram-se nas imediações da área central e os trabalhadores nas regiões mais distantes, o que também contribuiu para a expansão territorial dos bairros.

Do outro lado, no Alto da Misericórdia

No mesmo íterim que o Alto dos Estados Unidos foi ocupado, do lado oposto, na outra margem do Córrego das Lajes, o Alto da Misericórdia também recebia novos moradores e sua paisagem adquiria forma. Nessa colina da porção sul da cidade, estava em processo de formação uma nova comunidade que viria a ser conhecida como bairro Abadia.

O Alto da Misericórdia, como era conhecido, constituía a principal via de acesso para São Paulo, estrada por onde circulavam negociantes (Corredor de Boiadeiros) que levavam e traziam gado, bem como outros gêneros para comercialização¹¹. E ao descer o aclave, chegava-se ao fundo do vale, isto é, o centro da urbe e, daí, às outras colinas já ocupadas e urbanizadas como o Alto da Matriz e o Alto do Cuiabá.

A construção da Santa Casa de Misericórdia em 1856 foi fundamental porque atraiu pessoas com interesses diversos. Somente cidades de destaque regional poderiam ter um hospital com as características da Santa Casa, instituição filantrópica, para atender aos mais pobres e desvalidos e em suas dependências havia cemitério, capela e albergue. Não tardou para que inúmeras pessoas procurassem o entorno da instituição para construir sua residência ou mesmo para trabalhar.

O fluxo de pessoas se intensificou em 1881, quando foi erguida a capela de Nossa Senhora da Abadia. Aos poucos, o cenário de aspecto rural, com chácaras e muito verde, foi se metamorfoseando urbano com a ereção de construções residenciais nas adjacências do hospital e da capela. E, no entorno do Largo da Misericórdia, as irmãs dominicanas inauguraram um colégio, onde estudavam as filhas das famílias abastadas. Aos poucos era possível distinguir que na base do aclave residiam os mais ricos, ao passo que na porção mais alta do relevo estavam os trabalhadores com suas modestas construções e mais distantes dos serviços ditos urbanos, como o comércio de gêneros e o abastecimento de água.

O crescimento do número de fiéis permitiu a ampliação para a categoria capela que, em 1921, foi desvinculada da Diocese de Uberaba e entregue à congregação dos estigmatinos, que logo iniciaram um processo de reforma e remodelação. A devoção à Nossa Senhora d' Abadia é herança dos colonizadores portugueses (freguesia de Santa Maria do Bouro, em Portugal) e, quando chegou à região do Triângulo Mineiro, ao longo do século XIX, angariou muitos devotos em inúmeras cidades.¹² Desde a construção da capela, a devoção à santa (representação da Virgem Maria) atraía grande número de adeptos que se reuniam para as celebrações religiosas. Anualmente, na primeira quinzena do mês de agosto, devotos se deslocavam, não só do bairro como de outras partes da cidade, para aquela que constituía a maior festa religiosa de Uberaba (fato que perdura).

É certo que na porção próxima à região central já havia algumas instituições e espaços que ofertavam serviços, como a Santa Casa de Misericórdia (1856), os asilos São Vicente (1902) e Santo Antônio (1912), a capela Nossa Senhora das Dores (1928), anexa ao colégio das Irmãs Dominicanas (1896), a penitenciária (1912) e o Mercado Municipal (1923)¹³. Mas, foi a partir da década de 1930 que ocorreu um impulso no processo de expansão e urbanização do bairro em direção à porção sudeste, conhecida como Olhos d'Água.

Nos periódicos locais são recorrentes os anúncios de venda de lotes e reclames por serviços como o abastecimento de água, abaulamento e calçamento de ruas e fornecimento de energia.

Esse bairro, bem populoso, fica localizado na parte sul da cidade, entre os altos de São Benedicto e Estados Unidos. As vias de ligação entre esses

pontos, ha tempos, vinham servindo de motivo de reclamações, pelo facto de estarem quase sempre intransitaveis, dificultando e tornando cada vez mais dispendiosos os transportes de mercadorias e até o trânsito de pedestres¹⁴.

Ainda que, recorrentemente, se afirmasse a primazia da cidade dentre as demais do Triângulo Mineiro, a nota no jornal indica contradições em seu interior. Percebe-se que o crescimento populacional não foi seguido de melhoria na estrutura urbana e de serviços. Para sair do bairro e acessar o centro e, daí, aos demais, era necessário atravessar os obstáculos naturais (Córrego das Lajes e Córrego do Barro Preto¹⁵) e, para ultrapassá-los, em alguns pontos foram construídas pontes. Porém, parte delas não recebia a devida manutenção e, muitas vezes, algumas passagens foram improvisadas pela própria população.

Comumente o bairro aparecia nas páginas dos jornais em duas situações: menção à festa de Nossa Senhora d'Abadia e às atividades da Santa Casa de Misericórdia e, nas páginas policiais, com divulgação de casos de violência.

Na Abadia: Matou porque o namorado não quis casar com a irmã. Na tarde de ontem, por volta das 16,30 horas, na Rua Tenente Venceslau, Bairro d'Abadia foi palco de uma cena de sangue, quando [o] conhecido por "Ico", desfechou quatro tiros de revolver.¹⁶

Escrito em destaque em um dos maiores jornais da cidade, notícias como essa contribuía para criar uma imagem negativa a respeito do bairro e de seus moradores. Não necessariamente do conjunto do bairro, especialmente da parte mais periférica que, coincidentemente, fica na parte posterior da igreja. O periódico

representava os setores mais conservadores da cidade e seu público era constituído por leitores que, possivelmente, residiam em regiões mais centrais e/ou de maior valorização imobiliária. Embora, os problemas de violência ocorressem nos diferentes bairros, o Abadia era destacado e aventava-se que o fato de grande parte de sua população ser de baixo poder aquisitivo, de baixa escolaridade, não gozar de reconhecido *status* social e com inúmeras carências de serviços públicos, possa ter influenciado no modo de tratamento conferido pela imprensa uberabense.

Além do trato desfavorável observado na imprensa, o fato de residir na parte periférica do bairro decorreu uma estigmatização: morar à *frente e atrás da santa*. Isto ocorreu a partir da década de 1950, quando a imagem de Nossa Senhora d'Abadia foi colocada no alto da torre da igreja.

Estar à *frente da santa* significava morar na parte mais próxima do centro da cidade, visto que sua frente estava virada para lá e dotada de serviços urbanos. E estar *atrás da santa* significava a periferia do bairro, desprovida de melhoramentos e com muitas demandas, ou seja, ter pequeno poder aquisitivo e estar mais sujeito à violência. Morar *atrás da santa* implica(va) mais do que uma posição geográfica, um posicionamento social de segregação e sujeição aos preconceitos e, infelizmente, ainda sobrevive na cidade, como relatam moradores e outros que por lá transitam. “As drogas tem demais ali pra cima; tem uns cantinho ali pra cima que eu vou te falar; você fica até com medo de atravessar lá”.¹⁷ Na afirmação da Sra. Teresinha Yamamoto, que reside à *frente da santa*, “lá pra cima” (ou *atrás da santa*) persistem os maiores

problemas sociais a serem enfrentados, bem como a necessidade de implementação de equipamentos urbanos.

O desenvolvimento do bairro é instituído a partir de sua parte antiga, especialmente daquela próxima ao primitivo Largo da Misericórdia, o que denota o privilégio de uma determinada área. Essa tendência pode ser observada desde a década de 1950, quando ocorreu uma redefinição da importância dessa parte, graças à concentração de serviços médicos. Inicialmente, destacam-se a criação da Faculdade de Odontologia (1947, atual Universidade de Uberaba - UNIUBE) e da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro - FMTM (1953, atual Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM). Atendendo aos reclames de grupos políticos e sociais, o governo federal autorizou a criação de uma faculdade de medicina e o governo estadual cedeu o prédio da antiga penitenciária para abrigar toda a estrutura do curso.¹⁸ Em 1960, foi construído o Hospital São Domingos e, sete anos depois, a Santa Casa de Misericórdia foi convertida em Hospital de Clínicas da FMTM. Junto às novas edificações e instituições, membros dos grupos mais abastados, que antes resistiam em habitar no bairro, investiram na construção de residências ali. Entretanto, essas inovações não mudaram, substancialmente, o status do bairro no conjunto da cidade.

A população mais pobre se concentrava na porção mais alta do antigo Alto da Misericórdia onde, a partir dos anos 1960, na parte posterior à igreja, foram construídos conjuntos habitacionais populares. Para aqueles que não conseguiam adquirir parcela do solo urbano restavam as ocupações irregulares. Uma delas ficou conhecida como “Coreinha”¹⁹, nos arredores de um frigorífico que foi, durante muito

tempo, ponto limite do bairro. De acordo com a documentação compulsada e relatos dos proprietários, quando o negócio iniciou (1950), a região era uma zona fronteira com o rural, pouco valorizada e por anos conviveu com as invasões da população em busca de espaço para sua habitação. E embora fosse gerador de empregos, as reclamações dos moradores eram contínuas, visto que do matadouro exalava um péssimo odor.

O Jornal de Uberaba recebeu uma denúncia de mau cheiro no ar, nas proximidades do Frigorífico Miusa. A reportagem do Jornal foi verificar se as denúncias procediam, e ao chegar ontem por volta das 11h30 no portão de entrada do Frigorífico, foi notado o forte cheiro. [...] Os moradores das proximidades disseram que o mau cheiro começa por volta das 6 horas e vai até às 22h30, sendo mais notado na parte da manhã e na hora do jantar. Foi verificado que existem várias crianças com vômitos, diarreias que não se alimentam direito, por causa do cheiro, além de adultos com constantes dores de cabeça e náuseas.²⁰

O problema atravessou décadas sem uma solução definitiva. A fim de amenizar o descontentamento da população e as pressões dos órgãos públicos, a administração do frigorífico cedeu parte de sua área para novos loteamentos. Assim, nasceram os bairros Costa Teles e Silvério Cartafina, nomes em homenagem aos sócios do Frigorífico Miusa (atualmente Boi Bravo).

Mas, foram os anos 1980 que alçaram o bairro à condição de subcentro. Em uma urbe, a ideia de centro diz respeito à relação de dependência que se estabelece entre as necessidades dos grupos sociais dominantes e os interesses dos agentes econômicos ²¹. Daí ser compreensível a estrutura urbana disponível nessa área enquanto as

Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 148-181, Jan-Abr, 2018.

demais ficam (quase) desprovidas dela. Na primeira metade do século XX, a porção sul de Uberaba, notadamente o bairro São Benedito, recebeu os maiores melhoramentos e concentrou as principais atividades econômicas (estação ferroviária, comércio, serviços) e as residências dos grupos economicamente mais abastados. De acordo com a Fundação Cultural de Uberaba, nos anos 1980, 57% do comércio da cidade se concentravam nessa região, ao passo que o Abadia possuía 21%.²²

O geógrafo Luiz Gustavo Reis percebe que, nesse período, a área central atingiu seu ponto máximo de saturação, dando início a um processo de desconcentração das atividades econômicas, marcado pela expansão do tecido urbano e a formação de novas centralidades nos bairros periféricos. E no Abadia, o comércio se diversificou, o que atendeu novas necessidades de consumo e de emprego de sua população, solucionou-se (parcialmente) a demanda por transporte para acesso ao centro, deu-se a implantação de equipamentos e estrutura urbanos como calçamento e asfaltamento de ruas, rede pluvial e de esgotos e energia elétrica. Assim,

o Bairro Abadia deixa de ser a borda da periferia urbana para se converter em uma localização intermediária entre os bairros do quadrante sudeste da cidade e o Centro Principal, intensificando os fluxos de veículos e pessoas.²³

As transformações da paisagem e a construção do lugar peculiar

Os moradores mais antigos são testemunhas privilegiadas das mudanças objetivas (estrutura física) e sensíveis (campo das representações) ocorridas no bairro. São homens e mulheres que

nasceram ou ali chegaram há mais de trinta anos e possuem perfil socioeconômico, grau de instrução e profissão diversos. Sua vinculação com o lugar é tamanha que permite visualizar o bairro para além das características dos órgãos de imprensa, das divulgações de pessoas de outras regiões da cidade ou dos comerciantes, das políticas públicas e do senso comum. E, em especial, nesses moradores encontramos um desejo de memória e, conseqüentemente, de traços que julgam válidos de preservação.

Como ensinou Pierre Nora, na sociedade contemporânea, consagramos lugares de memória²⁴ visto que esta é ritualizada, pois determinadas lembranças são privilegiadas. Para evitar o esquecimento, os sentidos são ritualizados em lugares (físicos e/ou simbólicos) específicos e o patrimônio é um deles. Vê-se que a relação memória e patrimônio é estreita porque ao acessar o passado, executa-se uma operação de escolha de objetos, eventos, valores e sentidos tomados como fundamentais para amalgamar os laços entre as gerações bem como propiciar proteção contra a sensação de isolamento e perda de referenciais.

Ao serem indagados, os moradores recuperam aspectos de suas memórias que consideram mais significativos, portanto, marcos explicativos não somente de sua história, também da comunidade em que se inserem. Narrativas como de Sr. Paulo Bernardes da Silva, nascido na década de 1960, que vive no bairro desde sua infância e se lembra que brincava nos arredores da igreja e no “terrão”, em uma referência à avenida Prudente de Moraes.

A igreja d’Abadia, a gente não perde na memória,
porque era o local da gente também brincar na praça

desde o “terrão”; tinha o campo de futebol e campo de bocha nos fundos da igreja. A gente brincava demais. Época de festas, aquele “terrão”... A gente brincava com as meninas, estava na adolescência, os rapazes ficavam “berando” o meio fio, porque nem passeio tinha, brincava, passava a mão no cabelo das meninas.²⁵

À medida que os sujeitos, por suas vivências, transformam o espaço em que estão, simbolizam-no, vão conferindo-lhe sentidos e criando vínculos de pertencimento, praticam-no.²⁶ Não é qualquer espaço, é lugar que possui uma rede de significados, como Sr. Paulo Silva faz questão de ressaltar. E mais, em sua juventude, ele conta que um dos principais meios de lazer era o “campo do Atlético”, estádio onde times de futebol amador jogavam entre si (Guarani, Palmeirinha, Flamengo) e com times de outros bairros. Os jogos, nos finais de semana, eram eventos animados frequentados por famílias inteiras, ponto de encontro de amigos e de enamorados. Outro meio de lazer eram os bailes no Uberaba Tênis Clube, o UTC, que em suas matinês e festas de gala proporcionavam instantes de descontração, sem necessidade de deslocamento para outras regiões. São lembranças que o vinculam ao bairro ao ponto de expressar: “o bairro d’Abadia é inquestionável; é meu e meu”²⁷.

Dentre os espaços rememorados pelo Sr. Paulo Bernardes, o antigo “terrão” merece referência, pois o logradouro se transformou no principal do bairro. É a atual Avenida Prudente de Moraes que nasce nas imediações da Praça da Abadia e termina em frente ao Frigorífico Boi Bravo (aproximadamente 1,5 km de distância). O antigo “terrão” era parte do “corredor de boiadeiros” do final do século XIX e início do XX

e, aos poucos, foi se tornando um logradouro de acesso ao interior do bairro. Com as melhorias de sua estrutura urbana, como o asfaltamento, foram instaladas casas comerciais de diferentes modalidades, agências bancárias e de prestação de serviços. É uma espécie de vitrine da dinâmica do lugar, é o centro daquele que é um subcentro em Uberaba, porque concentra as atividades econômicas e atrai pessoas de diferentes pontos e poder aquisitivo.

A movimentação na avenida é frenética, tanto nos dias úteis quanto nos finais de semana, especialmente aos domingos. Em 1983, foi criada a feira livre que, atualmente, é referência em toda a cidade, pois ocupa quase toda a extensão da via. Proibidos de atuarem nos arredores do Mercado Municipal, um grupo de vendedores ambulantes passou a ocupar um trecho da Prudente de Moraes²⁸. Nascia a “feira dos atrevidos”, como foi inicialmente conhecida. Aos poucos, a feira foi legalizada e continua em crescimento, porque os “atrevidos” ainda estão por lá. Isto é, há um número de vendedores não autorizados pelo poder público – Secretaria Municipal de Desenvolvimento do Agronegócio – que semanalmente também comercializa seus produtos, fato que causa inúmeros atritos com os legalizados e os fiscais.

A feira é *sui generis*. A partir das 6 horas da manhã, os feirantes chegam e iniciam a montagem de suas bancas de produtos (alimentação, vestuário, utilidades domésticas, plantas, animais – vivos e abatidos –, acessórios eletrônicos, artigos musicais, bebidas e outros). Há feirantes que, em outros dias, levam suas bancas de produtos para outros locais, mas há aqueles que são feirantes apenas na Feira do Abadia, porque a veem como singular e lucrativa. E na feira é possível encontrar (quase)

tudo, inclusive produtos que não são comercializados usualmente, como fitas cassetes e LPs.

As pessoas saem de diferentes lugares de Uberaba e, durante toda a manhã, afluem para ali. Além do comércio, a Feira do Abadia é um importante lugar de sociabilidade, visto que muitos não vão comprar, mas expor sua arte (dança, música, pintura), passear e conhecer novas pessoas, reencontrar amigos ou, simplesmente, *flanar*, na acepção de Baudelaire.²⁹ E durante o funcionamento da feira, até às 13h, parte do comércio convencional abre suas portas para aproveitar o potencial cliente que circula. Em trabalho de campo foi possível visualizar a diversidade de coisas e de pessoas na Feira: imigrantes africanos e indianos com sua fala e vestimenta características, o político que faz campanha e cumprimenta os eleitores, o mendigo que esmola, o pregador que anuncia o evangelho, o colaborador de instituição filantrópica que pede doações, os aromas das bancas de temperos caseiros, chás e efusões, os típicos sabores do pastel e do caldo de cana de açúcar, o vendedor que, a plenos pulmões, anuncia seu produto, o cliente que negocia o desconto. É o desenrolar do processo histórico, porque à medida que os sujeitos vão conferindo sentido à sua realidade, vão nele intervindo. Em suma, no cotidiano de moradores e frequentadores da feira, os sentidos se entrecruzam e práticas plurais vão construindo o espaço como lugar praticado.³⁰

É notável que no mesmo espaço geográfico, a Avenida Prudente de Moraes, há diferentes lugares praticados, porque os homens e as mulheres que por lá transitam possuem (e buscam) experiências espaciais distintas, seja a feira livre dos finais de semana, seja o trabalho nos

diferentes estabelecimentos, seja o trânsito apressado, seja as idas e vindas ao comércio ou às agências bancárias. São os “espíritos múltiplos”, mencionados por Certeau,³¹ que, com suas “histórias fragmentárias e isoladas entre si”, ao cruzar com outros, permitem dar forma ao indizível.

Outros logradouros importantes na vida do bairro são as praças. Oficialmente constam quatro: Dr. Thomaz Ulhôa, Roque do Biju, João Batista de Carvalho e Nossa Senhora da Abadia. A primeira, na verdade, é uma área cercada, um clube privado, conquanto tenha funcionado como praça até os anos 1950. O nome da segunda é uma homenagem à figura popular do bairro³² e, por ser pequena e estreita, é mais uma área de passagem e não de sociabilidade. A Praça João Batista de Carvalho ganhou a alcunha negativa de “Praça do Pó”, dada a prática de tráfico e o uso de drogas em seu interior. Por último, Nossa Senhora d’Abadia, a “Praça d’Abadia” é a maior, mais conhecida e mais frequentada praça do bairro, inclusive dividindo-o em Grande e Alto Abadia. O Grande Abadia diz respeito à parte mais antiga e, o Alto Abadia, à periferia.

A Praça d’Abadia é um espaço amplo onde são realizados os maiores eventos e nela está situado o Santuário de Nossa Senhora d’Abadia, principal templo religioso do bairro. Cotidianamente, centenas de pessoas atravessam-na para fazer exercícios físicos (lá estão instalados equipamentos de ginástica), para ir ou vir a diferentes destinos, para comercializar, para entrar no Santuário ou para descansar em seus bancos por alguns momentos. Não obstante, a maior movimentação e visibilidade ocorrem no mês de agosto, durante as celebrações de Nossa Senhora d’Abadia. Durante quinze dias, a praça é tomada por

comerciantes, por fiéis e devotos, por curiosos, pessoas vindas de Uberaba e outras cidades da região que a fazem festiva.

A igreja nasceu como capela (1881) e foi reconhecida como paróquia na década de 1920. Nas décadas seguintes, passou por inúmeras reformas e ampliações para abrigar o crescente número de fiéis. Embora sempre tenha sido chamada de santuário, somente em 1987 foi reconhecida como santuário mariano. O número de devotos que o procuram é considerável, sendo que no ápice da celebração religiosa estima-se que quase uma dezena de milhar de fiéis acompanha a procissão e a missa campal do dia 15 de agosto. A lei municipal nº.10.196 (2007) tornou Nossa Senhora d'Abadia a padroeira da cidade, como reconhecimento da importância de sua devoção entre os uberabenses.

A festa tem indubitavelmente um caráter sacro e um laico. O caráter sacro pode ser aferido na fé que mobiliza os devotos a participarem ativamente da programação dos festejos, que incluem missas, quermesses, procissões e abriga uma diversidade de manifestações, como a missa afro, em que participam adeptos das religiões de matriz africana, a missa sertaneja, a cavalgada, representações teatrais e outras. A laicidade, por sua vez, pode ser vista no interior e exterior da igreja. São os leilões para arrecadar fundos que custeiam os festejos, a comercialização de produtos alimentícios e religiosos e, na praça, os vários comerciantes que obtêm autorização da administração do santuário e do poder público para instalar suas “barracas” (alimentos, bebidas, diversões e outros produtos). Após cada missa, é possível notar o fiel que sai do templo e vai ao salão paroquial comprar um lanche e, ao

atravessar os portões e chegar à praça, comprar um brinquedo para o filho ou um doce para, depois, despedir-se e ir para casa.

A religiosidade católica é notável na comunidade, mas não é exclusiva. São vários os templos protestantes de diferentes matizes (tradicionais, pentecostais e neopentecostais), as tendas de umbanda, os terreiros de candomblé, os centros espíritas kardecistas e outros credos. E essa diversidade religiosa convive nesse espaço sem grandes conflitos. A mãe de santo, Marlene Araújo, conta que, ao fazer a iniciação dos filhos de santo (iaô), o primeiro local que os iniciados vão é à igreja d'Abadia para participarem da missa. Em sua memória está viva uma experiência dessa convivência:

Eu fui criada no catolicismo. Eu era católica do pé do padre. Fui kardecista um bom tempo, depois fui para a umbanda. E quando eu fui pra Abadia, eu cultuava a umbanda. Depois que fui para o candomblé. [Fui uma] pioneira no candomblé na Abadia e em toda Uberaba.³³

Segundo ela, houve uma época em que o barulho dos tambores em seu terreiro, durante as sessões, incomodava alguns de seus vizinhos que fizeram um abaixo assinado para que fosse fechado. Porém, para sua surpresa, a maior parte da vizinhança não assinou e a defendeu veementemente, inclusive uma que era cristã protestante; “ela saiu em defesa, falando para ficar firme”. Para ela, é notório que “Uberaba é rico na espiritualidade”³⁴, como a denotar a diversidade religiosa e o modo que as diferentes crenças convivem entre si.

A atenção à religiosidade no bairro não é exclusivo dos dias hodiernos. Em novembro de 1971, o *Jornal Lavoura e Comércio* noticiou a inauguração da tenda de umbanda “Caboclo Pena Verde”, em

evento que contou com a presença de “pessoas gradas da nossa sociedade”, como a sinalizar a importância daquele espaço religioso.

Constituiu acontecimento de destaque dos meios sociais uberabenses a inauguração oficial da Tenda de Umbanda “Caboclo Pena Verde”. Estiveram presentes elementos de projeção nos meios oficiais uberabenses, destacando-se o prefeito Arnaldo Rosa Prata, deputado João Guido, dr. Wagner Nascimento, vice-prefeito da cidade, representantes das duas lojas maçônicas e pessoas gradas da nossa sociedade.³⁵

A Tenda de Umbanda Caboclo Pena Verde está em plena atividade e é uma das mais conhecidas e tradicionais da cidade. Além dela, outra é bastante conhecida no bairro: a Tenda de Umbanda Caboclos Tupi Tupiara.

Uberaba possui alguns epítetos. O primeiro é capital do zebu, devido à feira de gado zebu que, anualmente, movimentava milhões de Reais em negócios e leilões pecuários. Ressalte-se a importância que o gado zebu possui na história econômica do município desde o final do século XIX³⁶. O segundo título é capital do espiritismo, pois desde os anos 1960, com a chegada do médium Chico Xavier e a realização de obras de caridade e atividades mediúnicas, um significativo número de pessoas foi atraído em busca de apoio e assistência³⁷. Embora falecido em 2002, a obra que o médium iniciou prossegue e o espiritismo kardecista é destaque na cidade.

Não obstante, o segundo epíteto, o catolicismo é a religião dominante. Além do Santuário de Nossa Senhora d’Abadia, na cidade há outro santuário – o de Medalha Milagrosa – e alguns mosteiros e seminários. Por outro lado, é possível observar um sincretismo religioso,

visto que frequentadores dos santuários católicos não se furtam a visitar as sessões espíritas kardecistas ou mesmo os terreiros e tendas do candomblé e da umbanda. As experiências religiosas não são excludentes, dantes “são complementares entre si; o que uma delas fornece em excesso, a outra nega, e o que uma permite, a outra pode proibir”³⁸. O traço sincrético é característico da religião no Brasil. As formas de religiosidade são suplementares umas às outras. Por isso, é compreensível que as iaôs do candomblé terminem seu rito de iniciação na igreja católica ou o fiel que saia do Santuário d’Abadia caminhe cerca de um quilômetro até a Tenda de Umbanda Caboclo Pena Verde para receber um passe e sentir-se protegido. E conquanto parecer contraditório ao observador externo, este é um indicativo de que as inteligências não são descarnadas, pois os sentidos das práticas são construídos ao longo da trajetória, consoante aos modos como os sujeitos se apropriam do universo sociocultural em que estão imersos. Portanto, os sentidos são plurais. Daí “o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação”³⁹.

E o sentimento de pertencimento àquela localidade contribuiu para formar uma identidade sociocultural peculiar. É o *abadiense*, vocábulo gentílico utilizado para se referir aquele que nasceu e/ou reside no bairro e estabeleceu laços profundos com as pessoas e com o lugar. Sr. Edson Barbosa, que nasceu na região e aí construiu toda sua vida, afirma que o *abadiense* é “uma pessoa privilegiada [porque] tudo que tem de bom está no alto da Abadia”⁴⁰. Ele e seu irmão, Imar Barbosa, aprenderam a profissão de barbeiro e, juntos, administram a centenária barbearia montada por seu pai na segunda década do século XX, e que

está ativa e com clientes leais. Ambos se orgulham de testemunhar as transformações ocorridas no bairro: a expansão do sítio urbano; a instalação de equipamentos, como o calçamento, a energia elétrica e o saneamento; o transporte coletivo; a construção de instituições para atendimento à população, como os hospitais ou as indústrias que geraram empregos, como o frigorífico. Não negam os problemas existentes como o tráfico de drogas, a violência ou deficiências da estrutura urbana. No entanto, focam naquilo que, segundo eles, tornam-no o melhor lugar para se viver em Uberaba.

Essa positividade é partilhada por outros, como D. Marlene Araújo, para quem o bairro “Abadia não tinha nada disso que tem hoje. Hoje é supermercado, é banco. Eu saio daqui [do bairro Fabrício] pra comprar lá. Hoje o bairro é outra cidade. Tem tudo na Abadia”⁴¹. O comércio é destaque na voz dos *abadienses* e é um dos fatores que o tornam “outra cidade”, pois para muitos, não é necessário se deslocar até a região central para adquirir aquilo que deseja. É quase uma sensação de autossuficiência, que reforça o sentimento de pertencimento. E com a entrada de novos agentes econômicos que veem possibilidade de expansão devido a densidade populacional, corrobora um processo de valorização e alteração da imagem negativa que, desde os anos 1960, predominou nos periódicos locais.

O Abadia em processo de patrimonialização

E se ainda persiste uma imagem negativa, pois a violência é, para a maior parte dos moradores, o maior problema a ser enfrentado, há uma preocupação em ressaltar os aspectos positivos, dos quais se destacam o

trabalho, a religiosidade e a sociabilidade. Ser *abadiense* é valorizar o trabalho como essencial na construção do homem e do mundo, a religiosidade e a sociabilidade como fatores que conferem sentido à vida.

Na verdade, o Abadia é o resultado do trabalho de seus moradores, o trabalho em suas diversas modalidades: remunerado nas escolas, no comércio ou na prestação de serviços; voluntário nas instituições sociais, como os asilos ou igrejas; doméstico no cuidado com as famílias. “Desde 1965 comecei a trabalhar aqui. Aposentei e continuo trabalhando, continuo na luta, nessa mesma rotina.”⁴² Há mais de cinquenta anos, Sr. Benedito Sebastião, o Pelé, trabalha como entregador no mercado municipal e conquanto esteja aposentado, continua em atividade, pois além de assegurar a complementação de sua renda mensal, esse também é um modo de significar sua existência, como é possível aferir em seu relato.

A religiosidade que abrange diferentes credos e mobiliza não somente os *abadienses*, como pode ser visto durante os festejos à Nossa Senhora d’Abadia na primeira quinzena do mês de agosto, está diretamente relacionada à sociabilidade. Esta é denotativa, tanto dos antigos como dos novos moradores. Não raro, um morador de décadas tem como vizinho um estudante universitário vindo de outra cidade e, entre eles, logo se instaura a relação de vizinhança.

Após um período residindo no Abadia, nossa perspectiva sobre o bairro mudou. Um bairro acolhedor, com pessoas boas que nos fazem sentir em casa, mesmo longe dela. Figuras já reconhecidas do Abadia acolhem os alunos de fora, fazendo-nos sentir parte do bairro. Os vizinhos, com sua típica gentileza *abadiense*, os comerciantes que sabem o seu

nome, algo não muito comum para os moradores de grandes metrópoles; trabalhadores como entregadores, encanadores, pintores, entre outros, que, com seu característico humor, ajudam o “forasteiro” a amenizar a saudade de casa.⁴³

Nas imediações do centro educacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – residem inúmeros moradores mais antigos e essa região que compreende o nascedouro do bairro, há cerca de uma década, passa por processo de verticalização e valorização imobiliária. A construção de novos edifícios e residências atraiu significativo número de estudantes provenientes de outras cidades/estados. E no relato daqueles oriundos do estado de São Paulo é denotativo do quão contagiante é o ser *abadiense*. Ainda que inicialmente possa ser chamado “forasteiro”, o acolhimento possibilita sentir-se integrado à comunidade abadiense.

Embora presente nos relatos dos moradores, percebemos que essa sociabilidade não é uníssona como aparenta. *À frente da santa* ou Abadia antigo, onde estão os moradores de maior poder aquisitivo, na maior parte das vezes, os vizinhos possuem contato bastante superficial. É certo que ainda há alguns trechos em que os vizinhos, de longa data, ainda sentam nas calçadas, ao final do dia, para conversarem entre si e trocarem experiências. No entanto, com o processo de verticalização, pessoas de diferentes procedências estão ocupando os novos edifícios que a cada dia alteram a paisagem.

A sociabilidade entre vizinhos parece ser mais intensa na porção *atrás da santa*, ou seja, na porção mais periférica do bairro. Para Sr. Paulo Bernardes, o melhor do Abadia “é a convivência, é a amizade que prospera ali rapidinho”⁴⁴. Nascido naquela comunidade, possui laços

Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 148-181, Jan-Abr, 2018.

bastante arraigados e o sentimento de familiaridade com os vizinhos e outros que por ali transitam usualmente facultam sua afirmação. Pessoas que se conhecem e denominam-se a si mesmos por apelidos, que contam histórias das relações entre suas famílias desde os tempos de criança; outros que compram no mesmo ponto comercial que ainda vende “na caderneta” (sistema de anotação dos produtos adquiridos que são pagos ao início/final do mês); outros que juntos realizam as “novenas” religiosas (encontro de oração ao longo de nove dias) nas casas; o empréstimo de objetos e outras práticas. É esse conjunto de representações e práticas que tornam o Abadia peculiar no conjunto da cidade e que parece estar em processo de patrimonialização, isto é, reconhecimento e preservação (material e imaterial) para partilhar (social e coletivamente) as experiências.⁴⁵

A Constituição brasileira, promulgada em 1988, em seu artigo 216, ampliou a definição de patrimônio:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais.⁴⁶

Se até àquela data o patrimônio privilegiava o aspecto material e construído; doravante, o imaterial foi incorporado, possibilitando o reconhecimento e a conservação de um conjunto de representações e

práticas que conferem sentidos aos grupos sociais. Tornou possível reconhecer e registrar manifestações como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém (PA), e o Samba de Roda, no Recôncavo Baiano.

Ao discutir as metamorfoses do patrimônio, D'Alessio afirma que “a ideia moderna de patrimônio está ligada ao impulso de preservação de bens materiais e imateriais que emerge do social. É uma forma de relação com o passado, um sentimento que revela o desejo de eternizar traços e marcas dos grupos humanos”⁴⁷. Ao mesmo tempo em que os grupos reconhecem o valor de seu passado, percebem o risco do esquecimento e se lançam à manutenção daquilo que considera válido e assegura sua existência. Por isso, o patrimônio é importante suporte e outorga referências que são fundamentais para indicar como os sujeitos sociais se movem, agem e (re)significam sua realidade.

O patrimônio histórico-cultural existe como preocupação do presente com interesses específicos sobre o passado. De acordo com Salvadori:

quando se luta pela permanência de um bem são as relações humanas que lá se estabeleceram que devem vir à tona e a nossa compreensão sobre essas relações. O que se preserva não é uma ‘coisa’, mas um dado da cultura.⁴⁸

A afirmação é pertinente no tocante ao Abadia, visto que mais que a preservação dos bens materiais que lá existem, neles há valores, sentidos, representações e práticas que não se quer perder. Mas, em uma comunidade tão diversa, o que preservar e como preservar?

No bairro há alguns bens patrimonializados (inventariados e tombados) pelo órgão de preservação do município – Conselho do

Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba – e marcam o reconhecimento oficial e sua importância, não somente para o bairro, também para a cidade. São eles: Campus I da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Santa Casa de Misericórdia (integra o Hospital de Clínicas da UFTM), Mercado Municipal, Igreja Nossa Senhora d’Abadia, Asilo Santo Antonio, Capela e Museu Nossa Senhora das Dores, Antigo Pavilhão do Colégio Objetivo, Hospital e Maternidade São Domingos e o Prédio da Polícia Militar.⁴⁹

Localizados na porção mais antiga do bairro, esses bens atuam como “lugares de memória”⁵⁰, visto que são um misto da memória e da história que se construiu na cidade e considerados dignos de lembrança. E na perspectiva dos lugares de memória, podemos compreendê-los como estratégia para instituir uma memória coletiva e um sentido homogêneo, pois outras possibilidades foram suplantadas. As vivências e as produções dos moradores são múltiplas, não obstante, somente algumas delas foram reconhecidas patrimônio histórico. Isso ocorre porque o patrimônio está em um campo de disputas com múltiplos interesses e no qual as “percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros”⁵¹.

No entanto, para além desses bens oficialmente reconhecidos, percebemos um esforço em partilhar a experiência do ser *abadiense* e de suas produções. Há outros bens com forte significado para os moradores que, comumente, são referências na constituição de sua identidade: a Tenda de Umbanda Pena Verde, o Hospital do Pênfigo, o campo de futebol do Clube Atlético Uberabense, a feira livre da Avenida Prudente

de Moraes e a festa em louvor de Nossa Senhora da Abadia⁵². O anseio de preservação é, também, um anseio de memória, ou seja, a preservação é modo de proteção dos aspectos material (pedra e cal) e imaterial (significados atribuídos).

Por mais de sessenta anos, privilegiou-se a proteção do patrimônio material como modo de assegurar sua integridade, daí o sentido de pedra e cal. Mas, segundo Fonseca, após a ampliação da noção de patrimônio, expressa na Constituição de 1988, “uma gama de bens e manifestações culturais significativos, como referências de grupos sociais”⁵³, passou a receber atenção, constituindo o patrimônio imaterial ou intangível. O reconhecimento dessa modalidade do patrimônio pressupõe desdobramentos como a viabilização de leituras da produção dos grupos sociais no tocante aos sentidos que eles mesmos atribuem a ela, a criação de melhores condições para o direito à memória e, por conseguinte, o direito à cidadania. Em suma, os diferentes grupos que compõem uma comunidade possuem “direitos culturais”, sua produção é diversificada e esse reconhecimento é fator fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos e da própria coletividade.

Conquanto haja a primazia dos bens construídos na comunidade do Abadia, é inegável que os bens intangíveis também possuem forte significado. Ao referir-se ao prédio da Igreja de Nossa Senhora d’Abadia, a ênfase está em apontá-lo como referência, inclusive como um dos pontos de identificação da cidade. Todavia, não apenas o templo é enfatizado; a festa em louvor à santa está presente na memória e nos discursos. Parece razoável afirmar que é difícil compreender o Abadia

sem a praça, o templo e a festa. Nesse espaço e evento está a síntese do ser *abadiense*.

Outros bens em processo de patrimonialização reforçam a valorização do trabalho, da religiosidade e da sociabilidade. Em 1958, foi fundado o Hospital do Pênfigo⁵⁴ como entidade de assistência social e, atualmente, atende pacientes que tratam o pênfigo (“fogo selvagem”), acolhe crianças e adolescentes em situação de risco e presta outros serviços de necessidades básicas da comunidade uberabense. Para além do serviço social, a patrimonialização desse lugar é, na verdade, a de sua fundadora, Dona Aparecida Conceição Ferreira (1914–2009), a “Vó Cida” ou “mãe dos enfermos”, como ficou conhecida. Auxiliar de enfermagem na Santa Casa de Misericórdia, ela levou os doentes do pênfigo para sua própria residência quando a instituição deixou de tratar esses pacientes. Com apoio da comunidade e voluntários, fundou o Lar da Caridade, que se tornou uma das obras assistenciais mais respeitadas da cidade. “Que eu sei, ali batalhou muito foi a dona Aparecida do Pênfigo. Ela foi uma heroína.”⁵⁵, reconhece D. Marlene Araújo que, assim como outros uberabenses, tem-na como exemplo e valorizam a obra que construiu e a necessidade de não esquecê-la.

O Campo (de futebol) do Atlético⁵⁶ foi um dos principais espaços de sociabilidade nas décadas de 1970 e 1980. De acordo com os moradores, os encontros nos finais de semana não eram motivados apenas pelos jogos de futebol; eram instantes dos passeios das famílias, das brincadeiras de crianças, dos flertes e namoros e das conversas entre amigos. E se atualmente há outros espaços para encontros, os jogos do

campeonato de futebol amador de Uberaba ainda mobilizam muitos para irem ao espaço e, lá, desenvolverem práticas diversas.

Para finalizar...

Nascido do povoamento da porção sudeste de Uberaba, as chácaras e espaços vazios foram cedendo lugar às instituições e às pessoas que para lá acorriam. Aos poucos, o Abadia foi adquirindo feições urbanas. A melhoria da estrutura urbana, ocorrida de modo paulatino e por meio das lutas e reivindicações de seus moradores e a concentração de bens e serviços, colaborou para que se tornasse um subcentro na cidade.

E ao longo desse processo histórico, seus moradores, ao estabelecerem relações diversas entre si e com outros de Uberaba e além, formularam múltiplas histórias e uma vinculação territorial, social e afetiva com o lugar, tornando-se *abadienses*. E seja referências materiais ou intangíveis, a identidade sociocultural do *abadiense* se (re)constrói continuamente à medida que ele se move pelo bairro. E ainda que se mude, as vinculações não se perdem, como relata Camilla Costa:

Quando eu chego no bairro, eu tenho a minha identidade construída ali. Então, eu cresci, eu fui criada dentro do bairro Abadia. Então, quando eu volto, eu me identifico. E é a minha casa. Qualquer lugar que eu esteja, eu tenho a referência.⁵⁷

O reconhecimento do lugar como patrimônio é passo importante na construção da cidadania, uma vez que, ao se perceber como parte do lugar – “é a minha casa” –, torna-se mais fácil pensar os modos de preservação e intervenção no cotidiano. O valor do lugar

patrimonializado ultrapassa o material e alcança o sensível porque, sendo bem valioso a ser guardado pelos sujeitos, garante dignidade e continuidade da história de si e do seu povo.

Portanto, é compreensível o tom afetivo com que os moradores se referem ao bairro, a despeito dos inúmeros problemas e contradições lá existentes. E não se afigura temerário reconhecer que o bairro Abadia é patrimônio na e da cidade de Uberaba. No conjunto da urbe, ele se destaca como um dos mais antigos e onde se constituiu uma identidade cultural local que o singulariza. Ao mesmo tempo, é um dos símbolos que a apresenta como cidade em desenvolvimento (comércio, serviços) e que também preserva elementos tradicionais, como a religiosidade. E como espaço de um mundo social marcado pela contradição, desigualdade e exclusão, não foge à regra. Muitas são suas carências, demandas, embates e lutas e é nesse espaço histórico que seus moradores (re)constroem suas memórias, histórias e identidade.

Notas

¹ A produção desse artigo é resultado do trabalho realizado com o Programa de Educação Tutorial – PET História – na comunidade do bairro Abadia em Uberaba/MG, desenvolvendo atividades de pesquisa, ensino e extensão.

* Doutora em História Social, Professora Associada do Departamento de História Universidade Federal do Triângulo Mineiro. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-7113-6130>>.

² GONÇALVES, J.R.S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. pp. 21-29.

³ GUIMARÃES, M. L. S. História, Memória e Patrimônio. In: **Revista do Patrimônio**. n. 34. Brasília: IPHAN, 2011. p. 96.

⁴ Posteriormente, o SPHAN foi transformado em IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão responsável por proteger e promover os bens patrimoniais do país.

⁵ LOURENÇO, L. A. B. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro (1750-1861)**. Uberlândia: Edufu, 2005.

⁶ SILVA, H. J. S. **Representação e vestígio da (des)vinculação do Triângulo Mineiro**: um estudo da imigração italiana em Uberaba, Sacramento e Conquista (1890-1920). Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 2015.

⁷ DANTAS, S. M. **A fabricação do urbano**: civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha/MG (1888-1929). Doutorado, Programa de Pós-graduação em História-UNESP, Franca, Brasil, 2009.

⁸ Os altos ou colinas se referem às porções do relevo acidentado que levaram Uberaba a ser conhecida como cidade das sete colinas. São eles: Alto do Cuiabá (Bairro Mercês), Alto da Matriz (Bairro São Benedito), Alto dos Estados Unidos (Bairro Estados Unidos), Alto da Estação (Bairro Boa Vista), Alto do Fabrício (Bairro Fabrício), Alto do Barro Preto (Bairro Leblon) e Alto da Misericórdia (Bairro Abadia). MORI, R.; DANTAS, S. M. Estados Unidos: um espaço geográfico, um mosaico de experiências, uma história em construção em Uberaba. In: **Revista Alpha**, n.13, Patos de Minas, 2012. pp. 244-255.

⁹ De acordo com o memorialista Hildebrando Pontes, o imigrante italiano Paschoal Toti saiu de seu país e foi para os Estados Unidos. Não se adaptou ao país e resolveu emigrar para o Brasil. Ao chegar a Uberaba, adquiriu uma chácara em um alto que, segundo ele, lembrava a paisagem do país que residira. Daí por diante a região ficou popularmente conhecida como Estados Unidos. PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a civilização no Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

¹⁰ MORI, R.; DANTAS, S. M. op. cit., p. 10.

¹¹ CARVALHO, Renato M. B. de. **Vida e morte de um córrego**: a história da expansão urbana de Uberaba, MG e do córrego das Lages. Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil, 2004.

¹² Além de Uberaba, a devoção à Nossa Senhora da Abadia é marcante nas cidades de Romaria (onde existe um santuário), Tupaciguara, Uberlândia e Ituiutaba.

¹³ FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA. **Histórico dos bairros**. Uberaba, 1985.

¹⁴ **O Jornal**. Ano 7, n. 377, 06/03/1938. p. 2.

¹⁵ Esses córregos foram canalizados nos anos 1940 e, atualmente, são as principais avenidas da cidade, Leopoldino de Oliveira e Guilherme Ferreira, respectivamente.

¹⁶ **Correio Católico**. Ano 60, n.2.152, 01/09/1956. p.6.

¹⁷ Teresinha Yamamoto. PET História. Março/2016.

¹⁸ LOPES, S. M. G. **A história da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro**: primeiros anos (1953-1960). Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação-UFU, Uberlândia, Brasil, 2016.

¹⁹ A explicação mais plausível para essa denominação foi dada por um antigo morador do bairro. Segundo ele, devido à Guerra da Coreia, a ocupação da região coincidiu com esse período (dec.1950) e, dada a violência daquele conflito e os inúmeros casos de violência ocorridos na área invadida, passou a ser chamada pelo diminutivo daquele país - “Coreinha”. Atualmente, o estigma negativo persiste e concentra os piores índices de violência, o que acentua a segregação. Entrevista de Edson Alves Barbosa, barbeiro, residente no bairro há mais de 60 anos. PET História, Junho/2015.

-
- ²⁰ **Jornal de Uberaba**, n. 54, 13/08/1989, p. 4.
- ²¹ VILLAÇA, F. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012.
- ²² FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA. op. cit..
- ²³ REIS, L. G. L. **Novas centralidades urbanas em cidades médias: uma análise sobre o Bairro Abadia em Uberaba-MG**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFTM, Uberaba, Brasil, 2014. p. 64.
- ²⁴ NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, n.º. 10, dez. 1993, pp. 7-28.
- ²⁵ Sr. Paulo Bernardes da Silva. PET História. Junho/2016.
- ²⁶ CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ²⁷ Sr. Paulo Bernardes da Silva. PET História. Junho/2016.
- ²⁸ **Jornal Cidade Livre**, Ano 3, n. 777, 21/05/2005, pp. A4-A5.
- ²⁹ BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. Obras escolhidas, v. 3.
- ³⁰ CERTEAU, M. op. Cit..
- ³¹ idem.
- ³² Roque Manuel da Silva morou no bairro Abadia durante a maior parte de sua vida. Aprendeu a fazer o biju, um doce em forma de cone que, por cerca de 40 anos, vendeu em toda a cidade. Tornou-se uma figura conhecida que, com seu latão carregado do doce, atravessava a cidade para assegurar sua subsistência. Faleceu em 2001 com 80 anos. (A receita do Roque do Biju. Abadia Notícia, 2011. Disponível em: <http://www.abadianoticia.com.br/noticias/detalhes/id/262/a-receita-de-roque-do-biju>. Acesso: 04/10/2017).
- ³³ Marlene Araújo. PET História. Junho/2016.
- ³⁴ idem.
- ³⁵ **Lavoura e Comércio**, n.17.844, 13/11/1971, p. 6.
- ³⁶ RESENDE, E. M. M. **Uberaba 1811-1910: uma trajetória sócio-econômica**. Uberaba: Arquivo Público, 1991.
- ³⁷ SILVA, R. M. **Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais**, Uberaba, 1959/2001. Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História – UFU, Uberlândia, Brasil, 2002.
- ³⁸ DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p. 115.
- ³⁹ CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985. p. 28.
- ⁴⁰ Sr. Edson Alves Barbosa. PET História. Junho/2015.
- ⁴¹ Marlene Araújo. PET História. Junho/2016.
- ⁴² Sr. Benedito Sebastião. PET História. Outubro/2014.
- ⁴³ Josy Murcia e Ruan Festucci. PET História. Dezembro/2016.
- ⁴⁴ Sr. Paulo Bernardes da Silva. PET História. Junho/2016.
- ⁴⁵ GUIMARÃES, M. L. S. Op. Cit..
- ⁴⁶ BRASIL. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso: 24/11/17.

-
- ⁴⁷ D’ALESSIO, M. M. Metamorfoses do patrimônio. O papel do historiador. In: **Revista do Patrimônio**, nº 34, 2011. p. 79.
- ⁴⁸ SALVADORI, M. A. B. **História, Ensino e Patrimônio**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2008. p. 26.
- ⁴⁹ CONPHAU – Conselho Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba. **Inventário do Patrimônio Cultural de Uberaba**. Uberaba: FETPIU, 2012.
- ⁵⁰ NORA, P. Op. Cit..
- ⁵¹ CHARTIER, R. op. cit. p. 17.
- ⁵² Usualmente, mas com menor frequência, dois espaços também são mencionados pelos moradores: o Sopão São Lourenço e o Frigorífico Boi Bravo. O primeiro é uma associação de defesa dos direitos sociais que distribui alimentos, materiais usados e tem caráter religioso com a realização de benzeções. O segundo, por cerca de duas décadas, foi uma espécie de ponto limite do bairro, dadas suas dimensões territoriais e em seu entorno se formou uma ocupação residencial, posteriormente legalizada.
- ⁵³ FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 61.
- ⁵⁴ Hospital do Fogo Selvagem. Disponível em: <http://www.fogoselvagem.org/> Acesso: 13/11/2017.
- ⁵⁵ Marlene Araújo. PET História. Maio/2016.
- ⁵⁶ Disponível em: <http://uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,37948>. Acesso: 13/11/2017.
- ⁵⁷ Camilla Bernardes Costa. PET História. Junho/2016.